Telefônica, patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

www.telefonica.com.br

Telefônica

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

TEMPORADA 2003

CONCERTO EXTRA-ASSINATURA

CORO BACH DE MAINZ

ORQUESTRA JOVEM DA ALEMANHA

RALF OTTO
Regente

VALENTINA FARCAS
Soprano

GERHILD ROMBERGER
Contralto

DANIEL SANS
Tenor

OTTHOLD SCHWARZ
Barítono

apoio institucional
Prefeitura do Município de São Paulo
Lei 10.923/90

promoção

patrocínio

Coro Bach de Mainz

O Coro Bach de Mainz – Coral Titular da Igreja Evangélica de Hessen e Nassau – foi criado em 1955, por Diethard Hellmann, discípulo de Günther Ramin, que fora organista e diretor do Coral da Igreja de São Tomás, em Leipzig. Logo após a sua criação, o Coro Bach de Mainz conquistou grande notoriedade e não tardou a ultrapassar as fronteiras do território da música sacra.

Em 1986, Ralf Otto passou a responder pela Direção Artística do Coro Bach de Mainz e decidiu cultivar não apenas o repertório fundamental da música sacra do Ocidente – obras religiosas de Bach, grandes missas e oratórios escritos do século XVII ao início do século XX –, mas abordar também obras pouco executadas, inclusive do repertório moderno. Para isso, a composição do Coro ajusta-se às exigências de cada obra – pequenos grupos solistas, coral de câmara e grande coral –, o que garante a interpretação estilisticamente mais apropriada de composições sacras e profanas de todas as épocas da história da música.

O alto patamar artístico alcançado pelo Coro vem contando com o reconhecimento do público e da crítica especializada, que têm elogiado suas temporadas de concertos na Alemanha e em turnês

européias, suas produções radiofônicas, televisivas e fonográficas, seu trabalho com importantes orquestras da Europa e sua colaboração com regentes como Franz Welser-Möst, Riccardo Chailly, Manfred Honeck, Nello Santi, Peter Ötvös, Peter Schreier e Georges Prêtre.

Dentre os compromissos recentes do Coro Bach de Mainz destacam-se: a estréia mundial, em Estrasburgo, da obra *Chants de Retour*, de Marius Constant, a convite da Associação dos Combatentes da Resistência Francesa, dos Deportados e dos Prisioneiros de Campos de Concentração (dias após essa estréia, o Coro mostrou a obra na Alemanha, na igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Mainz); a estréia mundial da Missa de Heinrich von Herzogenberg, contemporâneo e amigo de Brahms, obra tida por desaparecida durante muito tempo; apresentações, televisionadas ao vivo para toda a Europa, no Festival do Castelo de Weilburg; concertos com o maestro Michael Gelen, em apresentação, gravada para a TV alemã, da *Deutsche Sinfonie*, de Hanns Eisler, e de *La Victoire de Guernica*, de Luigi Nono; apresentações do *War Requiem*, de Britten, na Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Mainz; e séries de concertos com a Paixão de São Matheus, Oratórios e Cantatas de Bach, durante as comemorações e homenagens a Bach e Gutenberg promovidas pela cidade de Mainz, em 2000.

Em novembro deste ano, o Coro Bach de Mainz, o Coral Bach de Munique e a Filarmônica de Rheinland-Pfalz, sob regência de Ralf Otto, apresentarão o Réquiem de Verdi em Mannheim, Düsseldorf, Frankfurt e Munique.

O Coro Bach de Mainz já gravou dois álbuns: o primeiro, com o *Te Deum* de Berlioz, ao lado da Orquestra Sinfônica da Rádio de Frankfurt, sob regência de Eliahu Inbal, e, mais recentemente, a Missa de Herzogenberg, com a Filarmônica de Rheinland-Pfalz.

Orquestra Jovem da Alemanha

Desde sua fundação, em 1974, a Orquestra Jovem da Alemanha figura entre os conjuntos sinfônicos mais interessantes da cena musical erudita alemã. Composta pelos mais talentosos alunos e alunas de todas as faculdades de música da Alemanha, a Orquestra se reúne três vezes por ano para temporadas de ensaios intensivos, seguidas de turnês e apresentações em que se mostram programas que abrangem a música contemporânea e as mais importantes obras dos repertórios clássico e romântico.

A Orquestra é presença constante no Festival de Berlim, na *Alte Oper* de Frankfurt, na Filarmônica de Colônia e no *Musikhalle* de Hamburgo. Dentre os diversos compromissos artísticos do conjunto destacam-se: a execução da obra completa de Webern (1983, direção de Bertini); colaboração com Stockhausen e Boulez (1990); turnês à Escandinávia e aos Estados Unidos (1988 e 1991, direção de Gielen); participação no *Festival d'Automne de Paris* (1994); apresentação no *BBC Proms* (1995); turnê ao Norte e ao Leste da Europa (regência de Barschai, 1997); concertos na Itália e na Espanha (regência de Maazel, 1997); Turnê Comemorativa dos 25 anos da Orquestra (1999, regência de Fischer); e turnês na Índia e nas Coréias do Norte e do Sul (2000). Dentre outros grande nomes da música que colaboraram com a Orquestra destacam-se, ainda, Eliahu Inbal, Kiril Kondraschin,

Charles Dutoit, Witold Lutoslawski, Heinz Holliger, Lothar Zagosek, Seiji Ozawa, Mauricio Kagel, Peter Ötvös, Gidon Kremer, Daniel Barenboim, Ingo Metzmacher, David Shallon, Andreas Delfs, Tabea Zimmermann, Christian Tetzlaff e Sabine Meyer.

Por seu elevado nível artístico, a Orquestra Jovem da Alemanha foi contemplada com diversos prêmios, dentre os quais o Primeiro Prêmio do Concurso Herbert von Karajan, o Prêmio da Crítica Alemã, a Medalha Mozart da Cidade de Frankfurt, o *Grand Prix Année Européenne de la Musique*, o Prêmio Alemão de Cultura e o Prêmio de Incentivo da Fundação Ernst von Siemens.

Nos últimos anos, a Orquestra e o maestro Lothar Zagrosek vêm realizando proveitosíssimo trabalho conjunto. Diretor Musical da Ópera de Stuttgart e, desde maio de 1995, Primeiro Regente-Convidado e Consultor Artístico da Orquestra Jovem da Alemanha, Zagrosek trabalhou com o grupo em obra inédita encomendada pela Bienal de Música de Berlim de 1999, e no ano seguinte Maestro e Orquestra estiveram à frente da estréia mundial de obra do compositor espanhol J. Sánchez-Verdú, vencedor de Concurso de Composição promovido pela Orquestra.

A Sociedade Orquestra Jovem da Alemanha tem sede em Frankfurt e conta com o apoio da cidade de Frankfurt e do *BKM*, órgão do governo federal alemão para assuntos relativos à cultura e aos meios de comunicação. Integrante da Federação Européia de Jovens Orquestras Nacionais, o grupo conta ainda com o patrocínio da *Deutsche Ensemble Akademie*, da *GVL – Gesellschaft zur Verwertung von Leistungsschutzrechten mbH*, da Escola Superior de Artes de Berlim, da Fundação Oscar e Vera Ritter, do Programa Cultural Pegasus da *ExxonMobil*, da Fundação Cultural Allianz, do *Commerzbank AG*, do Programa Cultural da Siemens, do Conselho Alemão de Música e do Escritório de Relações Exteriores da República Federal da Alemanha.

Orquestra Jovem da Alemanha

Primeiros Violinos
Ursula Gerstberger *Spalla*
Birgit Adolf
Agnes Bilowitzki
Maria Hägele
Cornelia Leiwesmeier
Lisa Obert
Sara Schulz
Julius Schwahn
Daniela Steiner
Hye-Sin Tjo

Segundos Violinos
Alexis Athemiliotis
Felix Eichler
Robert Hille
Jochen Kleinschmidt
Dietlind Mayer
Judith Oberndorfer
Ioana Ratiu
Clara Rempe
Juliana Soproni
Sarah Täuber

Violas
Iryna Bayeva
Wolfrun Brandt
Katharina Hippert
Christoph Klein
Cordula Mansel
Annegret Mattheis
Thomas Rühl
Özlem Özmermer

Violoncelos
Sabine Frick
Martin Henneken
Frederique Labow
Christian Strienz
Tobias Sykora
Tom Verbeke

Contrabaixos
Alexander Becker
Alexandra Hengstebeck
Sorin Orcinschi
Jochen Steinmetz

Flautas
Yaron Gordon
Friedrich Haberstock

Oboés
Norika Kitamura
Asuka Nakaki

Clarinetas
Marlis Klumpenaar
Sayaka Schmuck

Fagotes
Monika Schneider
Hisao Yasumoto
Klaus Liebetrau

Trompas
Joachim Pfannschmidt
Georg Reinert
Udo Schmitz
Kathrin Szasz

Trompetes
Lukas Beno
Sebastan Krystek
Bredo Leipprand

Trombones
Frederic Belli
Jan Böhme
Holger Pfeuffer

Tuba
Joseph Bartz

Tímpanos
Geza Huba

Coro Bach de Mainz

Diretor Artístico
Professor Ralf Otto

Sopranos
Susanne Bertram
Nora Borchers
Sarah Dierkes
Lourdes Diz Alvarez
Hanna Eichelbauer
Juliane Engel
Dorothea Gillert-Marien
Annette Jung
Anne Klähn
Meike Langer
Ingrid Mathern
Britta Mauritz-Lang
Juliane Meusch
Katrin Noll
Silke Röhm
Natalie Sahler-Ufkes
Uta Schertz
Gabriele Schweickhardt
Nicole Tamburro
Birgit Trost

Contraltos
Inge Bertram
Andreas Boos
Peony Brown
Martina Dix
Gisela Gnida
Christine Hirmer
Katrin Höneß
Ulrike Kerner
Hanne Kielholtz
Amanda Kocur
Karin Lindheimer
Petra Minn
Heidrun Noll
Brigitte Riskowski
Margot Schott
Karin Specht
Nils Stefan
Cordula Zeller

Tenores
Sebastian Dahl
Udo Ebbinghaus
Hariolf Frankenreiter
Markus Häfner
Martin Höchemer
Olaf Jöns
Sebastian Mertens
Stefan Merz
Wolfgang Penschow
Daniel Pohnert
Julian Prégardien
Stefan Reinhardt
Wolfram Schweickhardt
Bernd Sucké
Florian Witte
Martin Zimmer

Baixos
Dirk Anglowski
Roman Bär
Thomas Becker
Alwin Boosch
Hans-Joachim Engels
Kilian Gottwald
Raimund Gutbrod
Johannes Hund
Robert Knipper
Horst Knoblich
Udo Martin
Harald Martini
Elmar Middendorf
Wolfram Schwarz
Jochen Specht
Vito Tamburro
Thomas Wagner
Andreas Wesselmann

RALF OTTO *Regente*

Após concluir sua formação musical na Faculdade de Música e Arte Dramática de Frankfurt e na Universidade Johann Wolfgang von Goethe, Ralf Otto atuou como músico na Igreja de São Tomás, em Hofheim am Taunus, nas proximidades de Frankfurt. Estimulado por Eric Ericson, em 1980 fundou o *Vokalensemble Frankfurt*, coro de câmara que logo passou a desfrutar de grande prestígio por suas apresentações em diversos concursos internacionais de canto coral.

Desde que assumiu a Direção Artística do Coro Bach de Mainz, Ralf Otto tem regido os principais concertos de seu Programa Anual de Assinaturas e as apresentações regulares das Cantatas de Bach nos serviços religiosos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Mainz.

Além de suas atividades à frente do Coro Bach de Mainz, Ralf Otto é Professor Titular de Regência Coral na Escola Superior Folkwang de Essen, posição que ocupa desde 1990, comandou a Orquestra Sinfônica Jovem de Essen, de 1997 a 2000, vem colaborando, como Regente Convidado, com prestigiosos conjuntos corais e orquestrais da Europa e tem-se destacado por sua participação em importantes festivais europeus de música.

O repertório coral e sinfônico do maestro Otto abrange amplo espectro musical e inclui, dentre outras, as seguintes obras: *War Requiem*, de Britten; As Estações, de Haydn; a Paixão Segundo São Matheus, de Bach; O Livro dos Sete Selos, de Franz Schmidt; Réquiem, de Verdi; Missa Profana, de Zimmermann; *Lamentationes Jeremiae*, de Tallis; *Mass for Five Voices*, de Byrd; e *Vespre della Beata Vergine*, de Monteverdi. Da discografia de Ralf Otto, à frente de diversos coros e conjuntos orquestrais, fazem parte os seguintes títulos: Missa, de Frank Martin, e *Acht geistliche Gesänge*, de Max Reger; Oratório de Natal, de Bach; *Marienvesper*, de Claudio Monteverdi; e Missa em Mi menor, de Herzogenberg.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2003

abril 7, 9 e 10
NATHALIE STUTZMANN *Contralto*
INGER SÖDERGREN *Piano*

maio 13, 14 e 15
ORQUESTRA DE CÂMARA DE MOSCOU
CONSTANTINE ORBELIAN *Regente*
VLADISLAV LAVRIK *Trompete*

maio 28 – CONCERTO EXTRA-ASSINATURA
COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM
JAN WILLEM DE VRIEND *Regente*
JACQUES ZOON *Flauta*

junho 10 e 11 – Sala São Paulo
ORQUESTRA SINFÔNICA DE MILÃO GIUSEPPE VERDI
OLEG CAETANI *Regente*
NELSON FREIRE *Piano*

junho 23, 24 e 25
EUROPA GALANTE
FABIO BIONDI *Violino Solista e Regente*

julho 7, 8 e 9
QUARTETO ALBAN BERG *Cordas*

agosto 18, 19 e 20
ENSEMBLE TM+ *Música Contemporânea*
LAURENT CUNIOT *Regente*
SYLVIA VADIMOVA *Mezzosoprano*

agosto 22 – CONCERTO EXTRA-ASSINATURA – Sala São Paulo
CORO BACH DE MAINZ E SOLISTAS
ORQUESTRA JOVEM DA ALEMANHA
RALF OTTO *Regente*

agosto 25, 26 e 27
ANTONIO MENESES *Violoncelo*
MENAHEM PRESSLER *Piano*

setembro 16, 17 e 18
BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA
IVÁN FISCHER *Regente*

setembro 29, 30 e outubro 1º
MUSICA ANTIQUA KÖLN | REINHARD GOEBEL

outubro 6, 7 e 8
CAMERATA STRUMENTALE CITTÀ DI PRATO
E CANTORES SOLISTAS
ALESSANDRO PINZAUTI *Regente*

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA
Rua Nestor Pestana, 196 01303-010 São Paulo SP Brasil
Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br

Concerto Extra-Assinatura

22 de agosto, sexta-feira, 21h

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 – 1827)

Missa Solemnis, em Ré maior, opus 23

Kyrie

Gloria

Credo

Sanctus
Osanna
Praeludium
Benedictus

Agnus Dei

Dona nobis pacem

Agnus dei

A Missa Solemnis será apresentada sem intervalo

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2003 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

PRÓXIMOS CONCERTOS

Teatro Cultura Artística

ANTONIO MENESES *Violoncelo*

MENAHEM PRESSLER *Piano*

Ludwig van Beethoven
As Sonatas e as Peças para Violoncelo e Piano

25 de agosto, segunda-feira
12 Variações sobre um tema de Haendel,
Sonatas para Violoncelo e Piano nos 2, 3 e 4

26 de agosto, terça-feira
7 Variações sobre um tema de Mozart,
Sonatas para Violoncelo e Piano nos 1 e 5
e 12 Variações sobre um tema de Mozart

27 de agosto, quarta-feira
7 Variações sobre um tema de Mozart
e Sonatas para Violoncelo e Piano nos 3, 4 e 5

VALENTINA FARCAS *Soprano*

Romena natural de Bucareste, concluiu o curso secundário na Escola de Música G. Enescu e estudou piano na Escola Superior de Música de sua cidade natal. Valentina Farcas teve suas primeiras aulas de canto com o pai, Florin Farcas, da Ópera Nacional de Bucareste, e com a professora Rodica Creniceanu. Concluiu sua formação vocal na Escola Superior Folkwang, em Essen, sob orientação de Csilla Zentai.

Agraciada com diversos prêmios em concursos internacionais de canto, desde 1997 Valentina Farcas atua como cantora lírica, e, a partir de 1999, tem-se apresentado na Ópera de Meiningen, onde interpretou, dentre outros, o papel de *Rainha da Noite*, em *A Flauta Mágica*. A partir de 2002 a soprano passou a colaborar regularmente com a Ópera Cômica de Berlim.

GERHILD ROMBERGER *Contralto*

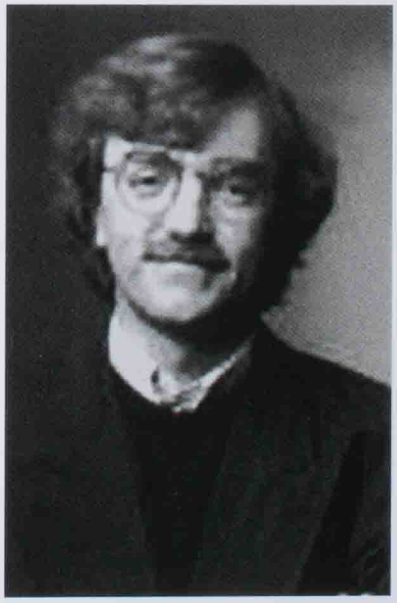
Alemã natural de Sögel, graduou-se professora de música pela Escola Superior de Música de Detmold – onde foi titular da cadeira de canto entre 1993 e 2001 –, especializou-se em canto com Heiner Eckels e completou sua formação sob orientação de Annie Schoonus, Mistsuko Shirai e Hartmut Höll, os dois últimos na área do *Lied*, domínio musical em que a artista tem-se distinguindo há diversos anos.

Desde 1982 a contralto tem atuado como recitalista e solista de concerto na Alemanha e em diversos países europeus. O repertório da cantora abrange as principais partes de contralto e *mezzosoprano* solistas da música barroca, do classicismo, do romantismo e da música do século XX, que Gerhild Romberger tem registrado em elogiadas gravações, para a rádio alemã e também em CDs.

DANIEL SANS *Tenor*

Em menino, Daniel Sans atuou como soprano no Coro da Catedral de Mainz, o que o levou a estudar regência coral no Conservatório Peter Cornelius dessa cidade. Formado pela Escola Superior de Música de Frankfurt, especializou-se em canto lírico freqüentando as aulas de *Lied* de Charles Spencer, em Viena.

Tenor bastante requisitado, Daniel Sans já se apresentou na *Konzerthaus* de Viena, no auditório da Rádio de Essen, na *Konzerthaus* de Freiburg, bem como colaborou como Solista Convidado da Orquestra Filarmônica de Colônia, da Orquestra Filarmônica de Berlim e da Orquestra *Tonhalle* de Zurique, dentre outras. Em 2001, Daniel Sans foi agraciado com o Primeiro Prêmio do Concurso Internacional Johannes Brahms, na Áustria.



OTTHOLD SCHWARZ *Barítono*

Alemão natural de Zwickau, aborda com igual desenvoltura o *Lied*, a música de concerto, a ópera e a música sacra. Depois de estudar canto em Dresden e Leipzig, o barítono tem participado regularmente dos mais prestigiosos eventos do calendário musical europeu. Dentre os regentes, solistas e conjuntos com os quais vem colaborando destacam-se Philippe Herreweghe, Gustav Leonhardt, Frieder Bernius, Michael Schneider, Martin Haselböck, Michael Schönheit, a Orquestra da *Gewandhaus* de Leipzig, o *Dresdner Kreuzchor* e o *ensemble Il Giardino Armonico*.

Além de suas apresentações em concertos e óperas, nos últimos anos Gotthold Schwarz tem-se dedicado com particular ênfase ao *Lied*, distinguindo-se por seu vasto repertório, que se estende do romantismo à música contemporânea.

A Religião de Beethoven

Beethoven foi criado dentro dos cânones do catolicismo romano. A partir da juventude, entretanto, passou a se negar a seguir esse ou quaisquer outros sistemas de crença. Para ele, Deus não tinha intermediários na Terra e, muito menos, contava com instituições organizadas e autorizadas a representá-lo no aquém. Quando estava para morrer, foi apenas depois de relutar muito que concordou em receber os habituais últimos sacramentos cristãos.

Em mais de um sentido, Beethoven foi um filho do seu tempo, o do Racionalismo e do Iluminismo, no plano das idéias, e o da Revolução Francesa, no plano político. É verdade que quando ele nasceu, na segunda metade do século XVIII, a música já se tornara predominantemente profana e, assim, mesmo as obras expressamente destinadas à Igreja revelavam traços de pertencerem ao mundo dos homens. Os dois maiores compositores que o precederam imediatamente, Joseph Haydn e Wolfgang Amadeus Mozart, escreveram belíssimas partituras sacras, mas, como diria mais tarde Felix Mendelssohn-Bartholdy, todas soavam "escandalosamente alegres". Obras de nível superior, geniais, mas que não mais faziam parte dos compungidos universos das obras sacras da Idade Média e do Renascimento, elas de fato eram mais religiosas na letra que no espírito.

Não é sem razão, portanto, que o libertário Beethoven, a figura gigantesca que proporcionou a passagem do Classicismo ao Romantismo, tenha se dedicado relativamente tão pouco à música sacra. E que a sua mais gloriosa obra nesse campo, a *Missa Solemnis*, partitura sem a qual a música posterior não seria o que foi, não sirva para ser empregada no culto religioso. Suas vastas proporções tornaram-na completamente imprópria para isso. Assim, impossível de ser utilizada em um ofício religioso costumeiro, ela acabou por dar impulso a um gênero incomum, o da missa para ser ouvida em lugares profanos e com fins igualmente não expressamente religiosos. Era a missa de concerto ou sinfônica, da qual ela continua sendo uma das mais belas e nobres ilustrações. Entretanto, é preciso lembrar que alguns comentaristas chegam a dizer até que ela mais parece ser a glorificação do homem do que propriamente a de Deus.

Mas Beethoven, muito à sua maneira, acreditava na Transcendência, em um Deus único e criador de todas as coisas. Em 1816, anotou em seu Bloco de Notas, em seu Diário (*Tagebuch*), que Deus era "eterno, onipotente, onisciente, onipresente". Sua idéia de Deus resultou de um sem número de influências, que iam de textos da Antigüidade Clássica aos das filosofias orientais. Certa vez, ao ler um texto de Schiller que tratava do Egito antigo, encontrou nele as seguintes frases: *"Eu sou o que é". "Eu sou tudo, o que é, o que foi, o que será; nenhum homem mortal jamais ergueu meu véu". "Ele é único e exclusivamente Dele mesmo, e a este único Ser todas as coisas devem sua existência".* O artista copiou essas citações, que, protegidas por um vidro, podiam ser vistas sobre a sua mesa de trabalho.

Em outro ponto do seu Bloco de Notas, Beethoven transcreveu passagens de obras que tratavam da visão que os orientais têm do Ente Supremo, como a extraída de um comentário sobre o *Rigveda* hindu: *"Livre de toda paixão e desejo, este é o Poderoso. Ele, a sós consigo próprio. Ninguém é maior do que ele".* Dentro do mesmo espírito, o próprio compositor anotou frases suas no *Tagebuch: "Todas as coisas brotaram claras e puras de Deus. Se eu depois me tornei escuro devido à paixão pelo mal, retornei após múltiplo arrependimento e purificação à fonte essencial, sublime e pura, ao Ser Supremo".*

Música e Religiosidade

Para Beethoven, a função da arte e, em conseqüência disso, da música, era a de elevar o espírito da Humanidade. Assim, ele outorgava ao artista uma função ética, além de estética. Vira o seu próprio papel enquanto artista como o de tentar alçar os homens ao nível dos deuses. Muito possivelmente, Beethoven emprestava um profundo sentido religioso – se não místico ou

de caráter indizível, transcendental – a uma considerável parcela da música que compunha. Vendo as coisas sob esse prisma, somos levados a compreender melhor sua célebre afirmação segundo a qual "a música é uma revelação mais alta que a filosofia".

Vendo as coisas sob esse prisma, nós podemos, da mesma maneira, dar-nos conta do motivo fundamental que o levou a escrever a *Missa Solemnis*: "Meu principal objetivo, quando estava compondo essa grandiosa Missa, era despertar e permanentemente instilar sentimentos religiosos não só nos cantores, mas também nos ouvintes".

Para atingir esse objetivo, o compositor estudou o velho Canto Gregoriano medieval – a fonte melódica mais antiga da música do Ocidente. E, igualmente, deteve-se, com a sua costumeira profundidade, sobre o texto consagrado da missa católica, procurando tratá-lo musicalmente de maneira inovadora. Isso não deixando de tornar a buscar no passado da música sacra os elementos estruturais que, à maneira de balizas, funcionassem como guias para o seu trabalho. E, do riquíssimo acervo da música européia cristã, acabou por localizar as pedras basilares que estabeleceram os fundamentos para a construção da sua arquitetura sonora

Obra sob todos os ângulos grandiosa, a *Missa Solemnis* ainda conserva esse duplo aspecto que a faz tão única: seu texto, submetido a um tratamento sem paralelos, nos provoca profunda comoção; sua música, que resgata do passado uma série de elementos ainda passíveis de ser empregados de maneira renovada e arrojada, nos deixa admirados diante da beleza e da plasticidade dos múltiplos elementos postos em jogo na vida da trama sonora.

A Missa Solemnis

A Missa em Ré maior, *opus* 123, foi composta entre 1819 e 1824. Assim, ela pertence à época que viu nascer as Variações Diabelli, as várias séries de Bagatelas e as últimas Sonatas para Piano solo. Os derradeiros Quartetos para Cordas e a Nona Sinfonia também são contemporâneos dessa composição sacra que ocupa um lugar único na História da Música. Sua execução requer cantores solistas – soprano, contralto, tenor e baixo –, coro misto e uma orquestra, que inclui pares de flautas, oboés e clarinetas, três fagotes, duas trompas, quatro trompetes, três trombones, cordas e órgão. Se apresentada na íntegra, dura cerca de uma hora e meia.

Beethoven a compôs porque desejava homenagear o arquiduque Rodolfo, irmão do imperador Francisco I e aluno do compositor. É que o aristocrata seria elevado à dignidade de cardeal, no início de 1819. Menos de dois meses depois, ele tornar-se-ia o arcebispo de Olmütz, na Morávia. À época, Beethoven escreveu ao arquiduque, a quem já dedicara um grande número de obras: "No dia em que uma missa solene composta por mim for executada durante as cerimônias de consagração de Vossa Alteza imperial, esse dia estará entre os mais gloriosos de minha vida, e Deus me auxiliará a fim de que meus pobres talentos possam contribuir para a glória dessa efeméride".

Mas quando o arquiduque foi instalado, em março de 1820, a Missa não pôde ser apresentada, pois ainda se encontrava longe de ser completada àquela altura. E seria estreada apenas em abril de 1824, em São Petersburgo, na Rússia. No mesmo ano, seus três primeiros movimentos foram mostrados ao público vienense, em concerto do qual constava também a Nona Sinfonia. Mas, para a ocasião, foram rebatizados de "Hinos", na medida em que a censura proibiria a sua apresentação como missa em uma sala de concertos.

Ao editor Peters, de Hamburgo, o músico diria: "É a maior obra que escrevi até hoje", sublinhando a palavra "maior". Beethoven jamais havia empregado tal qualificação para se referir a uma obra sua. E, muito significativamente, só empregara tal expressão jubilosa ao saber da publicação da Missa em Si menor de Bach, pelo editor Nägeli, de Zurique: "É a maior obra musical de todos os tempos e de todos os povos" –

do ponto de vista da duração cronométrica, a obra de Bach é ainda 35 minutos mais longa que a de Beethoven.

A *Missa Solemnis* não é apenas uma das mais belas obras da terceira e última "maneira" de Beethoven. Quem a conhece não tem dúvida em colocá-la entre os grandes patrimônios artísticos do Ocidente. A riqueza e a multiplicidade de suas formas, a beleza cativante de seus temas, o tom enredante das suas cores instrumentais e vocais e a gesticulação retórica que passa pelo heroísmo, pela compaixão, pela prece e pela declaração de amor a Deus e aos homens são alguns dos elementos que nos levam a dizer que sua primeira audição costuma ser uma experiência inesquecível.

As Partes da Missa Solemnis

Depois de uma tocante introdução orquestral – espécie de átrio a um só tempo austero e imponente –, as vozes introduzem o *Kyrie* sobre acordes de tônica, Ré maior, sem qualquer movimento melódico notável. O *Christe* central é ligeiramente mais agitado. À testa da partitura Beethoven anotou: "Vindo do coração, que ele vá ao coração".

O *Gloria*, elaborado em vários episódios divididos em três partes principais bastante contrastantes, alterna passagens exultantes a outras francamente dramáticas. Aí são introduzidos os trombones de maneira pouco usual, em meio às vozes que, por vezes, dão grandes saltos, ora em direção aos graves, ora em direção aos agudos. Aqui, a escritura é acórdica, a do Classicismo; pouco adiante, ela se torna contrapontística, como a escrita dos tempos do Barroco.

O gigantesco *Credo*, subdividido em duas grandes partes, tem o Si bemol maior como tonalidade básica, ainda que várias outras tonalidades sejam nele utilizadas. Combinações vocais-instrumentais diferentes delimitam planos sonoros variados e surpreendentes. Ele é coroado por uma deslumbrante fuga, a mais longa fuga vocal jamais composta – o centro de gravidade da obra.

A introdução orquestral ao *Sanctus* trata os instrumentos de metal como solistas, acentuando as exclamações das vozes que, triunfalmente, vêm em seguida. Um prelúdio orquestral polifônico em Sol maior separa o *Osanna* do *Benedictus*, no qual se ouve a voz comovente de um violino solo. Ambas as passagens são banhadas em atmosfera de pastoral lirismo. Especialmente notável é o tom refinado dado ao tratamento das vozes solistas e das impactantes aparições do coro.

A parte final da Missa – o tríptico integrado por *Agnus Dei, Dona nobis pacem* e *Agnus Dei* – é, do ponto de vista da forma, de extraordinária complexidade. Seus labirínticos meandros estruturais, entretanto, não impedem que o ouvinte não especialista tenha acesso a essas paisagens sonoras postas entre o céu e a terra, repletas de longas e tocantes melodias e de amedrontadores golpes de tímbales.

Edição Rui Fontana Lopez
Design gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida
Texto sobre compositor e obra Sociedade de Cultura Artística
Tradução Sérgio Tellaroli
Fotos Divulgação
Assistente de design Frederico Perret
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e impressão OESP Gráfica

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Presidente
José E. Mindlin

Vice-Presidente
Fernando Carramaschi

Diretor Tesoureiro
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo

Diretor Secretário
José Luis de Freitas Valle

Diretores
Carlos Rauscher
Eduardo L. P. R. de Almeida
Gérard Loeb
Jayme Sverner
João Lara Mesquita
Pedro Herz
Thomas Michael Lanz

Superintendente
Gérald Perret

Conselho
José E. Mindlin – Presidente
Milú Villela
Sylvia Kowarick
Affonso Celso Pastore
Alfredo N. Rizkallah
Antonio Ermírio de Moraes
César Tácito Lopes Costa
Cláudio Sonder
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Henrique Meirelles
Hermann H. Wever
José M. Martinez Zaragoza
Mário Arthur Adler
Plínio José Marafon

Governo do Estado de São Paulo

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretária de Estado da Cultura
Claudia Costin

Sala São Paulo

Diretor Artístico
John Neschling

Diretor Artístico Adjunto
Roberto Minczuk

Diretor Executivo
Claudio Martins Gaiarsa

Gerência Operacional
Christiane Vianna Calil

Coordenação de Administração
João Mário Gomes Pego

Coordenação de Monitoria
Janaína Guerreiro

Coordenação de Bilheteria
Glória Marangoni

Coordenação Técnica
Paulo Gomes

Coordenação de Palco
Marco Aurélio de José

Coordenação de Indicadores e Conservação da Sala
Maria Teresa Ferreira

Relações Externas e Comunicação
Mauren Stieven

SALA SÃO PAULO

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

Cursos Cultura Artística 2003

Segundo Semestre

Oito Noites na Ópera

J. JOTA DE MORAES

Curso em 8 aulas
4as feiras, das 20h30 às 22h30

Iniciação à compreensão da Música Clássica do Ocidente.

6 de agosto
Os vários tipos de vozes empregados na ópera

13 de agosto
A ópera – dos inícios ao auge do Barroco

10 de setembro
O Classicismo – de Glück a Mozart

24 de setembro
A ópera romântica italiana

15 de outubro
A ópera romântica germânica

22 de outubro
A ópera nacionalista

5 de novembro
O Verismo e Puccini

19 de novembro
A ópera no século XX

Oito Grandes Compositores – Série II

J. JOTA DE MORAES

Curso em 8 aulas
3as ou 4as feiras, das 20h30 às 22h30

Aspectos da produção de alguns dos principais criadores da música ocidental, proporcionando uma iniciação à poética e ao "fazer" de oito artistas que se encontram entre os fundamentais da História da Música.

12 de agosto, 3ª feira
Vivaldi

2 de setembro, 3ª feira
Haydn

9 de setembro, 3ª feira
Beethoven

21 de outubro, 3ª feira
Chopin

29 de outubro, 4ª feira
Brahms

4 de novembro, 3ª feira
Mahler

12 de novembro, 4ª feira
Schoenberg

26 de novembro, 4ª feira
Villa-Lobos

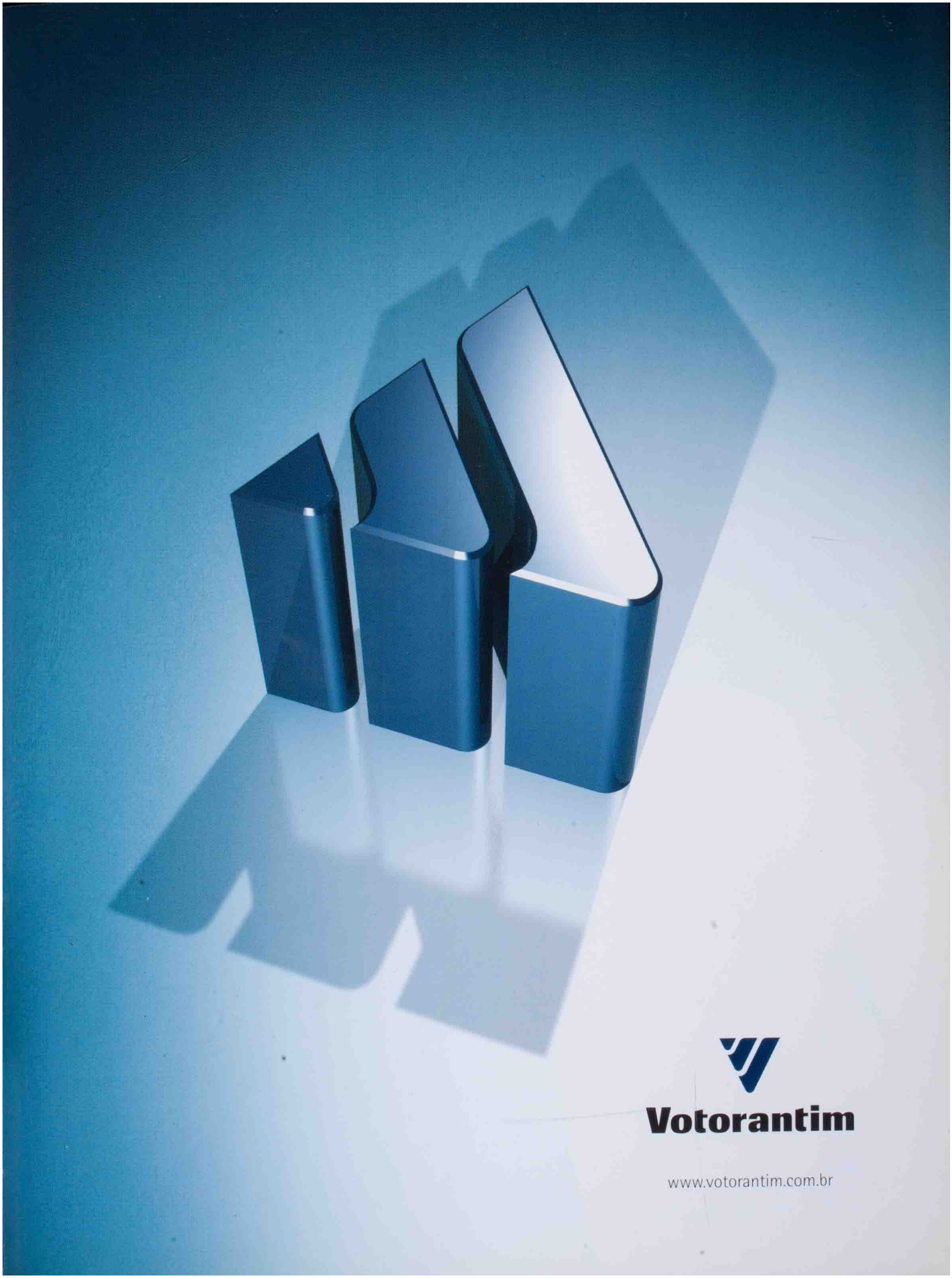
ATENÇÃO
serão cinco 3as feiras e três 4as feiras

Jazz

ZUZA HOMEM DE MELLO

Curso em 8 aulas
Início 1º de setembro

Informações e Vendas de Aulas Avulsas: 3258 3344, das 12h às 17h.


Votorantim
www.votorantim.com.br

Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.

CBLC
Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.